



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

**A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MIDIÁTICOS NO CEF 02 DE
BRAZLÂNDIA PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DOS ESTUDANTES DAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Gleice Kelly Câmara Ferreira

Orientadora Prof^a. Msc^a.Cristina Azra

Brasília (DF), Dezembro de 2015

Gleice Kelly Câmara Ferreira

**A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MIDIÁTICOS NO CEF 02 DE
BRAZLÂNDIA PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DOS ESTUDANTES DAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada para a banca
examinadora do Curso de Especialização em
Coordenação Pedagógica como exigência
parcial para a obtenção do grau de
Especialista em Gestão Escolar sob
orientação da Profa. Msc. Cristina Azra

TERMO DE APROVAÇÃO

Gleice Kelly Câmara Ferreira

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS MIDIÁTICOS NO CEF 02 DE BRAZLÂNDIA PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DOS ESTUDANTES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Profa. Msc. Cristina Azra
(Professora-orientadora)

Profa. Msc. Mariana Marlière
(Tutora-orientadora)

Msc Isa Sara Rego dos Santos
(Examinadora externa)

Brasília, dezembro de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos que, genuinamente, motivam-me a buscar sempre o melhor como mãe, aluna e professora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me proporcionou alçar mais este voo na minha carreira acadêmica, permitindo-me realizar o sonho de trabalhar na área em que formei.

Agradeço aos meus pais, Irene e Wilton, pelo dom da vida e por sempre acreditarem no meu potencial, incentivando-me aos estudos.

Agradeço ao meu marido, Alexandre, que cuida tão bem dos meus filhos e está sempre torcendo por mim, com o seu apoio e sua motivação constantes.

Agradeço ao meu filho, Cauã, por ser tão comportado, inteligente e compreensivo, ajudando-me a cuidar da irmã e tornando-se cada dia mais independente.

Agradeço à minha filha, Valentina, por todo amor e alegria que externa; por toda luz, calma e força que me traz.

Agradeço aos meus alunos, que me motivam a ser uma profissional mais qualificada e por permitir fazer parte de suas formações.

Agradeço aos meus mestres, que contribuíram, de forma significativa, na minha desenvoltura intelectual.

Quando adestramos a nossa consciência, ela beija-nos ao mesmo tempo em que
nos morde.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo identificar de que forma a utilização de conteúdo midiático pode contribuir para a formação dos estudantes, fazendo com que tenham uma visão crítica no que tange à mídia, e ainda, analisar como vem sendo feita a utilização de tais conteúdos no Centro de Ensino Fundamental 02, de Brazlândia, Distrito Federal. Para tanto, sob uma vertente etnográfica, foram realizadas observações, análise de documentos e aplicação de questionários junto aos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. Buscou-se, então, compreender como a escola motiva e proporciona aos professores a utilização dos recursos de mídia, como se dá a formação dos docentes para a utilização da referida ferramenta e como se dá a aplicação desta no processo de ensino-aprendizagem com foco no desenvolvimento do senso crítico dos discentes. Fez-se uma pesquisa bibliográfica com autores que abordam os temas “Mídia para Educação” e “Educação para a Mídia”, além das principais conceitualizações sobre a temática, o papel da escola e dos pais no controle sobre o que as crianças consomem da mídia e os projetos já desenvolvidos onde os próprios estudantes produzem o conteúdo. Por meio de análise qualitativa do questionário aplicado aos professores participantes constatou-se que estes consideram importante o uso da mídia na escola para favorecer a aprendizagem dos alunos, tanto que a utilizam, principalmente, como suporte didático para os conteúdos curriculares, e acreditam que seus alunos já estejam capacitados, ao menos, para interpretar o que já consomem na/da mídia.

Palavras-chave: Mídia; Educação; Senso Crítico.

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	09
1 - Mídia e Educação: fundamentos teóricos e metodológicos.....	14
1.1 - Educação.....	14
1.2 - Mídia.....	16
1.3 - Mídia para a Educação.....	19
1.4 - Educação para as Mídias	20
2 - Formação dos professores para lidar com os aspectos negativos e positivos da mídia.....	26
2.1 - Formação continuada.....	26
2.2 - A influência positiva e negativa exercida pela mídia.....	28
3 - Metodologia.....	31
3.1 - A pesquisa qualitativa e suas contribuições para a Educação.....	33
3.2 - Instrumentos de coleta de dados.....	35
3.3 - Procedimentos para a análise dos dados.....	35
3.4 - Critérios para escolha do corpus da pesquisa e descrição da pesquisa de campo.....	36
4 - Análise dos dados	37
5 - Considerações Finais	42
Referências bibliográficas	45
Apêndice... ..	47

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa buscou reunir parte das contribuições de alguns teóricos sobre a utilização da mídia na Educação, com intuito de esclarecer os principais conceitos que abarcam o tema, a forma como a mídia é empregada na escola e sua importância para a formação crítica do aluno.

A aproximação com o tema de pesquisa deu-se durante o curso de graduação da pesquisadora, que se formou em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB) em 2012. Durante seu período de formação, sempre teve interesse pelo uso da tecnologia na Educação, sobretudo, quando do curso da disciplina Práticas Mediáticas na Educação. Mas, na definição de seu projeto de pesquisa durante a graduação, optou pela questão do lúdico, apesar da curiosidade que tinha com o projeto de Cinema e Educação.

Após ingressar na Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF), em 2014, surgiu a oportunidade do curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, confluindo com as pretensões da pesquisadora: atuar em sua área de formação e continuar a carreira acadêmica.

Durante o referido curso de Especialização, a pesquisadora participou da disciplina Práticas e Espaços de Comunicação na Escola, onde adquiriu melhor conhecimento sobre o uso da tecnologia e dos recursos midiáticos na Educação. Assim, ficou interessada principalmente pelas possibilidades apresentadas em relação ao uso da televisão na Educação e as críticas que se apresentavam em relação àquele veículo de comunicação, além de conhecer um termo novo: “Educação para as Mídias”. Por meio das atividades daquela disciplina, compreendeu como a mídia pode ser educativa, como de fato ela vem sendo utilizada, sem esconder todo potencial, e como se dá a utilização prática e executável destas nas salas de aula.

Neste viés, a estudante/pesquisadora ficou surpresa ao saber que a Mídia Educativa já é uma ciência instituída, ainda que pouco desenvolvida.

Após se informar sobre os malefícios causados pela mídia, a pesquisadora observou como os detentores da produção midiática se empenham em produzir algo que traz mais malefícios do que benefícios, ou seja, não se tem a preocupação em

estudar como utilizar a mídia de forma benéfica, seja na prática de esporte, na alimentação saudável, nas ações de solidariedade ou mesmo na Educação. Mas infelizmente tem-se o uso destas, em vias psicológicas, antropológicas, sociais, científicas e tecnológicas para o alcance do lucro.

De fato, é de se estranhar a aversão de alguns profissionais da Educação em relação ao meio televisivo, mas, conforme as pesquisas aqui empreendidas, foi possível a compreensão de tal postura. Vale ressaltar que são poucos os canais televisivos isentos de uso comercial, mas ainda assim, estes vendem alguma ideologia.

Os consumidores tem se tornado vítimas da mídia por pura falta de informação. Existem estudos e instituições apostos para ajudar e proteger, de maneira consciente, as pessoas do consumismo e da violência que pouco acrescenta. Em muitos casos, o ser humano tem preferido informações prontas, de fácil acesso, que não permitem refletir e criticar.

Na Educação Básica poderia ocorrer o fácil acesso aos textos de fácil entendimento sobre tal manipulação, o que poderia exercitar o senso crítico sobre tudo aquilo que existe no meio em que se vive.

Em seu pouco tempo de experiência em sala de aula, tendo em vista que ingressou na SEE/DF em 2014, a pesquisadora já tem o costume de fazer uso de recursos midiáticos em sala de aula nas mais diversas formas (*internet*, música, revistas, filmes etc.), vinculando-os a outros conhecimentos, em especial, os conteúdos transversais. Porém, nunca havia pensado nos recursos midiáticos como uma disciplina em si – o que despertou o interesse em levar tal discussão para a sala de aula, como ferramenta fundamental para formação cidadã dos seus alunos, tornando-os críticos, pensantes e atuantes.

Outra contribuição do conhecimento da importância das mídias é o fato de se observar as orientações propostas no documento “Televisão e Família”, disponibilizado pela Associação Americana de Pediatria (AAP), tais como: impor limite de horas frente à televisão, selecionar previamente o conteúdo, discutir sobre o que se apresenta, sobre o papel do comercial e propor outras atividades, além de ser exemplo (*apud* BARRENECHEA, 2012).

Quando da escolha da temática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso a que se destina a presente pesquisa, a pesquisadora observou uma oportunidade de saciar a curiosidade que possuía sobre a área e preencher um pouco esse espaço pouco explorado de sua formação, além de ajudar nas atividades que envolvem o uso de filmes em sala de aula – um trabalho que tem prazer por realizar, mas que tem pouca técnica.

Diante das informações obtidas, foi possível refletir sobre o porquê de seus alunos reproduzirem o que ouvem na mídia sem fazer alguma reflexão. Neste sentido, vale ressaltar o ambiente de trabalho da pesquisadora, que leciona em uma turma de 5º ano com alunos entre 10 e 13 anos de idade, os quais têm acesso à *internet* e assistem telejornais. Um dos episódios mais marcantes referentes à capacidade crítico-argumentativa desses alunos foi que diante da atual conjuntura política do Brasil, em alguns momentos de discussão na sala de aula, eles proferiram discurso de ódio e misoginia contra a presidenta, e quando são questionados sobre o porquê não apoiam o atual governo, quais aspectos consideram negativos e por que falam mal de uma figura pública e se fizeram ou fariam a mesma coisa caso fosse um homem na presidência, simplesmente, eles não souberam responder, não oferecendo argumentos lógicos e convincentes e se propondo à reflexão apenas naquele momento.

A partir daí surgiu o interesse em investigar como os alunos interpretam o que assistem na televisão – se sabem que muito daquilo não pode e nem deve se aplicar a sua realidade; como os professores têm ajudado seus alunos a formarem uma consciência crítica sobre o mundo, a refletirem sobre a televisão e, principalmente, se costumam utilizar a mídia com essa finalidade – se o fazem, como o fazem, quais são as técnicas e materiais utilizados; se sentem que possuem formação necessária para tal; como a escola apoia essas atividades e quais as principais dificuldades encontradas.

Por se tratar de uma pesquisa científica, fez-se o recorte de todas as questões supramencionadas e, partindo da leitura do estado da arte, outras questões foram surgindo.

A área específica de conhecimento escolhida foi a temática “Mídia na Educação”, pois se trata de algo que atrai a atenção dos alunos, auxilia na prática pedagógica do professor e facilita o processo de ensino-aprendizagem. O espaço geográfico de abrangência da pesquisa foi o Centro de Ensino Fundamental 02 (CEF 02) da Região Administrativa de Brazlândia (RA-IV), no Distrito Federal, que atende os anos finais e iniciais do Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º segmentos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Neste sentido, a pesquisa deu-se apenas junto aos professores dos Anos Iniciais.

O presente estudo organizou-se em títulos e subtítulos que apresentam os fundamentos teórico-metodológicos que orientaram o percurso da pesquisa, a análise de dados coletados e as conclusões que se seguem.

O primeiro título traz a relação mídia-Educação, apresentando os conceitos de cada aspecto e asseverando como tal relação se tornou importante e como vem sendo desenvolvida na escola.

O segundo título traz a formação do professor para lidar com os aspectos positivos e negativos da mídia, além da apresentação de sugestões de alguns autores sobre como desenvolver trabalhos com a mídia na sala de aula.

O terceiro título trata dos referenciais metodológicos. Nesta etapa, foram abordados os fundamentos da pesquisa qualitativa e sua etnografia, bem como a descrição dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, quais sejam: questionário, análise de documentos e observação. Os procedimentos para a análise dos dados coletados também foram expostos.

O quarto título teve por norte a interpretação dos dados obtidos, uma vez que analisou e correlacionou as respostas existentes no questionário com a observação feita na escola, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição e os pressupostos teóricos da pesquisa bibliográfica.

Por fim têm-se as conclusões da pesquisa, apontando qual a importância que os professores atribuem à mídia, como ela é utilizada em sala de aula, de que maneira ela contribui para a formação crítica dos alunos e a relevância da formação de professores para o bom desenvolvimento do projeto na escola. Aqui ainda fez-se a sugestão da continuidade da pesquisa em relação a outras indagações que surgiram no decorrer do processo.

Justificativa

O presente estudo mostrou-se relevante no sentido de proposta de formas de inserção da utilização da mídia em sala de aula, de modo a contribuir como suporte didático para os conteúdos curriculares, além de auxiliar no debate sobre temas transversais e formar alunos capacitados criticamente para selecionar, apreciar e interpretar o que consomem da mídia. Neste sentido, deseja-se também contribuir na reflexão dos professores, a fim de que estes possam estar capacitados para atender às necessidades do aluno de então.

O percurso metodológico foi feito de modo que tornasse a pesquisa viável financeira, material e temporalmente, dispondo de ambiente, pessoas e material que já se tinha acesso.

De fato, a mídia na Educação ainda é um campo de estudo relativamente recente, datado da década de 1970. E como asseveram Bévort e Belloni (2009, p. 1.082): “Mídia-educação é um campo relativamente novo, com dificuldades para se consolidar, entre as quais a mais importante é, sem dúvida, sua pouca importância na formação inicial e continuada de profissionais da educação”.

A mídia desempenha um importante papel na Educação, seja de forma direta ou indireta; é um problema inquietador o fato desta temática não figurar na educação inicial e continuada, bem como a questão do sentimento e das práticas dos professores em relação à questão.

Os resultados aqui obtidos podem ser úteis para fomentar a formação dos atuais e dos futuros educadores, além de promover o debate sobre a temática durante os momentos de coordenação pedagógica nas escolas, buscando compartilhar as expectativas, frustrações e experiências desenvolvidas em sala de aula, incentivar a curiosidade, a participação, a reflexão, a criticidade e a ação de seus alunos.

Os alunos são, sem dúvida, o principal alvo da mídia, que pode induzi-los ao consumismo e manipulá-los de modo ideológico. Então, é papel fundamental do professor suscitar em seus alunos o desejo de conhecimento e a produção das ferramentas necessárias para se municiar contra a interferência de ideias muitas vezes contrárias à sua realidade.

Problema e objetivos da pesquisa

Após delinear a pesquisa, obteve-se como problema: Como a utilização de conteúdo midiático pode contribuir para a formação de estudantes com uma visão crítica sobre a mídia?

Partindo das exposições acima elencadas, a presente monografia orienta-se pelo seguinte objetivo geral: pesquisar de que forma a utilização de conteúdo midiático pode contribuir para a formação de estudantes com uma visão crítica sobre a mídia.

Como objetivos específicos destacam-se:

- Verificar se há a utilização de conteúdos midiáticos como ferramenta didática no Centro de Ensino Fundamental 02 (CEF 02) da Região Administrativa de Brasília (RA-IV), Distrito Federal;
- Analisar de que forma vem sendo feita a utilização dos conteúdos midiáticos no CEF 02 de Brasília;
- Avaliar se as formas de utilização didática de conteúdos midiáticos vêm contribuindo para a construção de uma visão crítica dos estudantes sobre a mídia.

1. Mídia e Educação: fundamentos teóricos e metodológicos

O objetivo, aqui, é apresentar os principais conceitos relacionados à mídia e Educação. Além de mostrar como a relação entre os dois termos se constituiu.

1.1 Educação

Segundo Émile Durkheim (1955), entende-se por educação a transmissão de valores e cultura, ou seja, a socialização de uma geração para outra. Tal processo

se dá de fora para dentro de um ambiente institucionalizado para esse fim, como, por exemplo, em escola e grupos religiosos.

“Assim como a família e a escola, a mídia também desempenha um papel central na formação das crianças e jovens.” (BARRENECHEA, 2012, p. 4). É inegável a influência que a mídia exerce na sociedade atual, sendo a escola produtora e produto dessa sociedade, não está ilesa a essa influência. Por isso deve saber usá-la a favor da educação. Nesse contexto, insere-se a mídia na educação.

É importante que os profissionais da educação aprendam a tornar a escola cada vez mais atraente para os alunos. Já que existe um mundo fora dela repleto de novidades ininterruptas, que pode tornar-se mais atrativo para os alunos que a própria escola.

A maioria dessas novidades tem a ver com tecnologia. São aplicativos de celulares, redes sociais, fotografias, programas de televisão, jogos de computador, vídeo game, *kinect* etc.

Mais a frente será explanada o quanto comunicação e educação se relacionam. Ambos os campos de conhecimento vêm avançando nos estudos, porém precisamos que isso aconteça de forma integrada para que se possa utilizar de modo mais eficiente as mídias na escola.

Pela experiência dentro de sala, corroborada com os resultados das avaliações de larga escala, percebe-se, que de forma generalista, os estudantes estão aquém do nível de interpretação e reflexão que se espera pra eles dentro de situações formais de aprendizagem e avaliação. Conclui-se que não é diferente quando se trata de interpretar e reelaborar situações do cotidiano e informações prontas e envolventes transmitidas pela mídia. A educação precisa ir além. Como assevera Caldas (2006, p. 120), “De que adianta, portanto, a leitura da palavra, se a leitura do mundo não está sendo feita para a necessária articulação entre fatos, contexto e visão prospectiva do mundo?”

Segundo Gomes (2001), a escola no intuito de resguardar os conteúdos disciplinares tradicionais não os correlaciona com o conhecimento advindo dos veículos midiáticos. Aquela autora ainda atenta que:

Na medida em que as referências dos alunos e até dos próprios professores fundamentam-se nas informações circulantes nos meios de comunicação de

massa, a prática pedagógica contemporânea nos mostra que uma educação que não dialogue diretamente com estas informações é quase impossível. Contudo, o problema maior surge na medida em que, ao invés de promover o diálogo, a educação apenas reproduz o discurso da mídia, reforçando um modo de saber as coisas em que a informação compacta e a fórmula de fácil reconhecimento são privilegiadas em relação à reflexão crítica e à criação de conhecimentos singulares. (GOMES, 2001, p.196)

Não há justificativa cabível nem espaço no ambiente escolar para se posicionar de tal maneira, pois, professores são formadores de opinião e juntos com os alunos são construtores do conhecimento, não devendo aceitar aquilo que já vem pronto, como se não o fosse capaz de fazê-lo. Não devem permitir na sala de aula a aceitação pacífica de algo que já vem carregado de uma ideologia que muitas vezes não se identifica com aquela que a escola quer formar.

Por tantas novidades tidas como concorrentes da educação em uma visão mais tradicional é que iremos abordar o termo mídia.

1.2 Mídia

Do plural latim *médium*, que significa meio. Apesar de largamente empregado, o termo não possui definição consensual explícita. É utilizado em contextos sobre Ciências da Comunicação, como imprensa, jornalismo, televisão, revista, jornal impresso, cinema e outdoors, ou qualquer meio ou veículo de comunicação que estabelece uma relação entre o emissor e o receptor. Também utilizado em contextos sobre Ciências Políticas, como os relacionados à cultura de massa e a opinião pública.

A televisão, o mais difundido desses meios, veicula informações de todos os modos e não apenas nas programações explicitamente informativas. Os programas se classificam em de entretenimento, publicitários e informativos, que às vezes se misturam e nos confundem. A maioria deles visa vender alguma imagem ou algum produto, seja por *merchandising* ou propagandas.

É o que assevera Carneiro (2007) ao tratar sobre as novelas como um produto complexo para analisar e que segundo o entendimento dela sua principal

função é ensinar a consumir. Não é tarefa simples analisá-las por que a trama do autor pode expressar responsabilidade social, cenas apelativas, contradições culturais, identificação ou repulsão a personagens, além de outros fatores. E isso não ocorre de forma transparente.

A televisão cria estratégias entre as suas programações para garantir audiência. John e Seligman (2008) apontam a existência de pelo menos seis tipos de estratégias de programação e são elas:

- Colocar um programa de forte audiência entre dois fracos;
- Colocar um programa fraco de audiência entre dois fortes;
- Colocar o mesmo programa no mesmo horário todos os dias;
- Colocar episódios especiais mais longos para aumentar a competição com outros canais;
- As maratonas de desenhos;
- Começar o programa de maior audiência mais tarde que o de costume para fazer com que assistam ao programa anterior e quem sabe ganhar audiência futura para esse também.

Além das mídias mais tradicionais há um novo conceito chamado de mídias sociais, que são aquelas que permitem resposta rápida, participação direta na produção, é uma via de mão dupla, viabilizando a troca de informações. Estas são algumas, além das redes sociais, como *facebook*, *instagram* e *twitter*, os *blogs*, fóruns e ambientes *wiki*. (JÚNIOR, 2009)

São exatamente essas mídias que estão em alta na era tecnológica, que são utilizadas por pessoas de todas as idades e classes sociais, mas, especialmente, pelos jovens. Elas nos trazem a notícia em tempo real. Pode estar sendo propagada por instituições especializadas em oferecer informação como sites, perfis e programas de televisão jornalísticos ou por perfis e blogs privados, com vídeos amadores de pessoas que, coincidentemente, estão no local de algum ocorrido munidas de seus celulares e *tablets*.

Quando se trata de notícias veiculadas por *sites* e perfis não jornalísticos é muito mais fácil perceber alguma informação inverídica, desde que se tenha o

mínimo de senso crítico. Entretanto, quando se trata de notícias veiculadas pela televisão, revistas, jornais impressos e em sites jornalísticos, necessitamos de um senso crítico mais aprofundado para desconfiar ou não do que está sendo dito. É preciso estar a par do que está acontecendo para tirar suas próprias conclusões. É fundamental que se tenha conhecimentos mínimos de como funciona os veículos de comunicação pra que se possam interpretar as informações.

Mesmo que o professor não traga elementos da mídia para sala de aula, ela se fará presente. Sendo nas conversas entre os alunos sobre o desenho, a novela, a notícia dos telejornais, a revista para o público jovem e os ícones de consumo, geralmente ilustrados com personagens que fazem sucesso no cinema ou na televisão, e estão estampados no material escolar, no vestuário e nas embalagens de gêneros alimentícios.

Gomes (2001) faz uma leitura mais aprofundada sobre o que representa a ilustração desses personagens nos itens de consumo, especialmente do público infantil. Para aquela autora, não se trata apenas de figuras atraentes e coloridas para serem consumidas, mas diz respeito a posições e lugares sociais representados por esses personagens, que configuram poder simplesmente por ter merecido espaço nos meios de comunicação de massa. O interesse ao estampar essas imagens em produtos infantis não está apenas na venda de determinado produto, mas na venda da marca estampada e de toda ideologia que ela carrega.

Inicialmente acredita-se que os professores com sua formação inicial cumpriria o papel de ajudar seus alunos a interpretar essas informações. Entretanto, ao analisar um pouco mais sobre o assunto, com o apoio de referenciais teóricos como os citados ao longo do texto, verificamos que os professores também precisam de uma formação específica pra desvendar toda estrutura capciosa que há por trás das informações transmitidas pela mídia, principalmente pelos veículos televisivos.

É aí que se insere o conceito envolto na relação mídia-Educação. Quando se fala de mídia-Educação, é preciso pensar na existência da Educação para as Mídias e as Mídias para a Educação. Barrenechea (2012, p. 1) conceitua a mídia na Educação como “uma área da ciência que nasceu de uma confluência entre as

áreas de conhecimento chamadas Estudos da Mídia, Estudos Culturais, Comunicação e Educação”.

1.3 Mídia para a Educação

Trata-se dos materiais midiáticos produzidos especificamente para fins didáticos. São, por exemplo, vídeos com conteúdo curricular, músicas para ajudar na aquisição de uma língua estrangeira, jogos de computador que trabalham conteúdos de português, matemática, ciências, história, geografia e artes. (BEFORT, BELLONI, 2009)

São os mais comuns e encontram uma resistência menor por parte da comunidade docente. Mas não são os únicos que servem para serem empregados em sala de aula.

Para Barrenachea (2012), a mídia exerce um relevante papel no currículo, como um veículo de conhecimentos transversais.

Segundo Moran (2002), os meios de comunicação audiovisuais desempenham indiretamente um papel relevante, pois, apresentam-nos modelos de comportamento, ensinam a linguagem coloquial e privilegiam alguns valores em detrimento de outros. Tudo isso de forma despretensiosa e sedutora, em busca de audiência exploram nossas emoções e aperfeiçoam estratégias para nos tornar dependentes.

É um desafio, para o educador, ser mais interessante que a televisão. Então, por isso, é melhor usá-la como aliada, porém, sem aceitá-la prontamente da forma como ela se apresenta e sim a problematizando. Para Moran (2002), a TV fala de assuntos corriqueiros da vida de forma impactante, e a escola fala de conhecimentos distantes de forma cansativa. Por isso a rivalidade seria injusta, justamente “porque a televisão não diz que educa o faz de forma mais competente” (MORAN, 2002, p.1).

Os professores podem trabalhar a interpretação de texto com a letra de uma música, além de resgatar aspectos históricos e conhecimentos geográficos. E

também as famosas paródias que ajudam a memorizar fórmulas de física, tabela de periódicos em química, entre outros.

Um filme pode servir de base para produção de texto, além de oferecer base para iniciar um debate sobre temas transversais como orientação sexual, discriminação racial, violência contra a mulher, preservação do meio ambiente, *bullying* etc.

Até mesmo os jogos de computador desenvolvidos para fins exclusivamente de entretenimento podem auxiliar na coordenação motora, raciocínio lógico e aprender inglês.

As novelas que a maioria dos alunos assistem em casa também são capazes de gerar boas discussões e reflexões sobre a sociedade que está sendo representada de forma privilegiada, como é vista a segregação de classes, como tem sido abordadas as questões de gênero, drogas, exploração da imagem feminina, representatividade do negro dentre outras. E como recorda Filho (2006), não é difícil observar o quanto se aprende de história na fase adulta por meio de novelas e minisséries.

Ao pensarmos o uso pedagógico da mídia enquanto produtora de conhecimentos, de leituras e de sentidos, de pontos de vista e de representações a respeito de conhecimentos como história, geografia, ciências e estudos sociais, poderemos não apenas trabalhar conteúdos curriculares mas as habilidades dos alunos para uma análise sistemática dos textos de mídia estas duas possibilidades não são excludentes, mas complementares e podem ser exploradas em uma abordagem curricular mais criativa. (BARRENECHEA, 2012, p. 1)

A partir daí que precisamos conhecer o papel da educação para as mídias.

1.4 Educação para as Mídias

“O estudo da mídia na escola se faz necessário não apenas como suporte didático-metodológico das outras disciplinas, mas como um objeto de estudo em si mesmo”. (BARRENECHEA, 2012, p. 1)

Há uma mensagem por trás de tudo que assistimos, lemos ou ouvimos através dos meios de comunicação de massa. Sempre tem uma ideologia a ser perpassada pelos desenhos, programas de auditório, etc.

Para saber filtrar aquilo que realmente importa e interpretar o que nos é apresentado, precisamos estar educados para isso. Por que foi através de muito estudo que jornalistas, artistas, publicitários, radialistas e desenhistas conseguiram nos oferecer materiais tão atrativos.

A televisão, nas palavras de Moran (2002, p.1),

[...] domina os códigos de comunicação e os conteúdos significativos para cada grupo: os pesquisa, os aperfeiçoa, os atualiza. Nós educadores fazemos pequenas adaptações, damos um verniz de modernidade nas nossas aulas, mas fundamentalmente continuamos prendendo os alunos pela força e os mantemos confinados em espaços barulhentos, sufocantes, apertados e fazendo atividades pouco atraentes.

Neste sentido, Moran (2002) vai além do que podemos ensinar aos nossos alunos com a mídia para o que a mídia nos ensina. A mídia televisiva produz formas requintadas de comunicação sensorial, emocional e racional, o que favorece a relação com o público. Ela fala do que sentimos parte do concreto, daquilo que está tangível. Isto é um norte sobre como deveríamos iniciar nossas aulas. Partindo do afetivo antes de falar de conceitos, começando pelo concreto antes de ir para o abstrato, sair da ação para reflexão, produzir para só então teorizar.

A organização da narrativa televisiva é mais flexível que a escola, é contraditória, com limites éticos pouco determinados, o que faz com que nos sintamos representados e atraídos de alguma maneira.

Os professores já sabem que muitas vezes os alunos aceitam de forma passiva como verdade absoluta aquilo que pesquisam na *internet* e assistem na televisão ou escutam no rádio. Isso porque a mídia pode dar respostas fáceis. Mas quem vai ensinar o aluno a perguntar é o professor.

Educar, então, deve preparar os alunos pra que consigam selecionar, perguntar e conseguir discernir o que querem, tirando da mídia o estatuto de verdade e atribuindo a ela o lugar de construção da realidade e de nossa subjetividade. (JOHN; SELIGMAN, 2008, p.4)

Jonh e Seligman (2008) traçam um paralelo entre a alfabetização e o aprender a assistir televisão. As crianças são ensinadas a ler e escrever para quebrar códigos como a linguagem e a escrita. Mas ninguém as ensina a assistir televisão pra decifrar os códigos televisivos. Estes códigos estão presentes na escolha de uma determinada trilha sonora, na construção do personagem, no enquadramento da câmera, na composição do discurso.

A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-los na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer re-leituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, e ajudá-lo a avançar de forma suave, sem imposições nem maniqueísmos (bem X mal). (MORAN, 2002, p. 3)

A escola é o lugar adequado para adquirir a competência televisiva, definida por Aguaded (1999, p.325 apud CARNEIRO, 2007, p. 198) como “a capacidade de interagir com o meio de forma equilibrada de uma perspectiva tanto racional como lúdica”.

O desafio que cabe a escola é, além de transformar as experiências televisivas dos alunos em motivação para aprender os conteúdos curriculares, ensiná-los a serem mais seletivos e reflexivos diante da programação que escolhem para assistir. “Nessa perspectiva, duplamente benéfica ‘por incrementar motivação na aula e prolongar a aprendizagem fora dela’ evita-se a dicotomia televisão só para emocionar e aula só para pensar.” (CARNEIRO, 2007, p. 199)

Para a autora, a sala de aula é o lugar adequado para analisar os acontecimentos reais ou fictícios que as experiências midiáticas dos jovens carregam, possibilitando aprofundar temáticas e valorizar a bagagem cultural que os estudantes trazem de casa, mostrando-lhes que o que eles sabem também é importante, também produz conhecimento.

Os modelos de educação tradicionais não nos servem mais. Então devemos responder ao desafio de educar com tecnologia. E não apenas adaptar alguns meios de comunicação para que caibam nas nossas aulas habituais.

Há algumas habilidades a serem desenvolvidas, em sala de aula, para que os estudantes não sejam tão passivos diante das mídias, algumas delas sugeridas pelo

Departamento de Mídia, Cultura e Esportes da Inglaterra (*apud* JOHN, SELIGMAN, 2008). Seriam elas:

- Perceber a diferença entre realidade e ficção;
- Diferenciar os níveis de realismo dentro dos gêneros de ficção;
- Compreender o contexto em que a obra foi produzida;
- Distinguir reportagem de matéria e artigo;
- Reconhecer as mensagens comerciais;
- Tomar consciência de que a produção de notícias, entretenimentos também se deve a motivos econômicos;
- Saber justificar e explicar suas preferências em relação aos produtos oferecidos pela mídia como forma de refletir sobre o porquê de tal preferência, levando a fazer escolhas mais conscientes.

Jonh e Seligman (2008) sugerem como desenvolver essas habilidades em sala de aula:

- Selecionar trechos de programas jornalísticos, novelas ou filmes e comerciais e pedir que os alunos identifiquem as diferenças entre eles. Levando-os a notar que um trabalha com fatos, outro com ficção e o outro com a venda de um produto.
- Outra atividade é separar os elementos da mídia para identificá-los, entendê-los em separado e melhor compreendê-los em conjunto. Escolhe-se o trecho de uma novela e pede que os alunos identifiquem e analisem a trilha sonora, os planos de câmera e os cenários.

Já Barrenechea (2012) propõe seis perspectivas com as quais é possível ensinar os alunos a apreciarem e analisarem as dimensões que compõem os textos de mídia. Elas podem ser abordadas com as seguintes perguntas:

- Quem está comunicando?
- Qual tipo de texto?

- Como ele foi produzido?
- Como sabemos o que ele significa?
- Quem é o público alvo do texto?
- Como o assunto é representado pelo texto?

Segundo aquela autora, tais aspectos são elementos chave para abordar toda riqueza linguística, técnica, política, ideológica, econômica, filosófica, cultural e social do texto midiático. Bowker (1991, p.5-6 apud BARRENECHEA, 2012, p. 2), afirma que essas perguntas podem ser feitas a respeito de qualquer texto midiático, inclusive aqueles produzidos pelas próprias crianças. Ela fornece uma sistemática para refletir sobre o fazer da mídia, seus financiadores, público, produto, tecnologia e linguagem.

Além disso, vale também ensaiar como produtor midiático, pois gerar emissores ativos contribui para formar receptores críticos. (JOHN, SELIGMAN, 2008) É por que o sujeito precisa fazer para aprender. Por isso a sala de aula pode se tornar um laboratório cinematográfico, por exemplo.

Fantin (2007) recomenda essa ideia de trabalho com cinema fazendo uso dos seguintes princípios:

- Fazer os alunos perceberem que há uma relação entre o cinema e outros meios de comunicação, além de pontos em comum como, por exemplo, com a televisão, o rádio;
- Quando se oferece um repertório variado de filmes abre espaço para discutir e analisar um leque maior de gêneros;
- As crianças verbalizam suas opiniões mais espontaneamente quando se trata de filmes;
- Possibilita que possam chegar as suas próprias interpretações sem que sejam direcionadas pelo olhar de um adulto;
- Cada cena pode ser problematizada, gerando análises que ressignificam ideologias e estereótipos.
- Permite compartilhar sentimentos que o filme provoca seja distanciando ou aproximando do real.

Para Fantin (2007), educa-se o gosto e a capacidade crítica e as crianças saem do *status* de meras consumidoras e espectadoras para produtoras de cultura.

John e Seligman (2008) criaram um questionário para ajudar a ler criticamente a mídia. Nele se questiona qual programa favorito e por que gosta dele. Como você escolhe o que assiste e se acha que tem controle sobre isso. Se essa escolha é feita pelo tipo de programa, elenco ou canal. Como você descobre novos programas de TV.

Existe certa preocupação na utilização de textos jornalísticos em sala de aula para aquisição da língua portuguesa, já que eles não carregam o rigor literário, a precisão gramatical e a riqueza linguística do nosso idioma. Então deveria servir apenas para reflexão social e conhecimento de um gênero literário que deva ser empregado no campo das comunicações.

Utilizar a mídia na escola é o primeiro passo para a leitura do mundo. Em contrapartida, é essencial que o exercício cotidiano no uso da mídia na sala de aula não se limite a leitura de jornais, revista ou dos veículos eletrônicos. Para se ler o mundo a partir dos olhares dos outros, é fundamental que seus leitores aprendam antes ler o mundo em que vivem, por meio da construção de suas próprias narrativas. Só assim será possível a construção do conhecimento. A transformação do educando em sujeito de sua própria história. A aquisição do pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade. (CALDAS, 2006, p. 129)

Depois de analisar várias formas de usar a mídia televisiva e impressa a favor da educação, é possível fazer uso da *internet* para divulgar o trabalho realizado em sala de aula, com base nas ferramentas que os alunos já dominam.

Mas, antes que o professor queira ensinar seus alunos como agir diante de tanta informação é imprescindível que ele próprio saiba como fazê-lo. Então o docente terá que buscar, na sua formação continuada, subsídios que o deixe inteirado da linguagem tecnológica, televisiva, cinematográfica, publicitária e jornalística.

2. FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA LIDAR COM OS ASPECTOS NEGATIVOS E POSITIVOS DA MÍDIA

2.1 Formação continuada

Após discutir sobre como a mídia auxilia na formação dos estudantes tanto na escola, quanto fora dela, partimos para a formação continuada do professor para utilizar desse recurso.

Para Filho (2006, p. 2), “a instituição não sabe como se defender da influência perniciosa e eficaz da mídia e faltam-lhes instrumentos para utilizar os formatos e sanear as intenções.” Mas aquele autor tem a esperança que a mídia vai sentir que deve algo a educação. Algo difícil de acreditar que aconteça de forma desinteressada, tendo em vista que conhecimento é fonte de poder e não seria do interesse da mídia dividir poder.

Neste sentido, Barrenechea (2002, p. 9) destaca:

A indústria de mídia [...] não têm interesse em participar na produção de mensagens educativas e não irão apoiar a busca pela melhoria na qualidade dos conteúdos veiculados na programação não educativa da TV aberta.

Mesmo assim é possível observar em alguns projetos nas escolas, promovidos por jornais impressos, essa tentativa da mídia de colaborar com a educação. Segundo Caldas (2006), o movimento pela inserção do jornal e da revista na sala de aula, como prática pedagógica ganhou força no início da década de 1990 e perdurou como mostra a Revista Carta Capital que lançou em 2005 sua versão pedagógica.

Aquela autora afirma que:

[...] os projetos de mídia na escola são resultado de incursões das empresas de comunicação nas escolas, onde distribuem, gratuitamente, durante períodos de tempo distintos, exemplares de suas edições para professores usarem com suas turmas. [...] são oferecidos cursos de formação aos professores com o objetivo claro de mostrar a importância do veículo na sala de aula e ensinar o processo de produção da notícia. (CALDAS, 2006, p. 124)

De acordo com a pesquisa feita por Caldas (2006), o objetivo das empresas de comunicação com esses projetos é incentivar a leitura; promover o debate sobre o papel da imprensa; capacitar o aluno a fazer leitura crítica; promover o respeito à opinião divergente; aproximar a escola das questões do cotidiano; tornar o currículo mais dinâmico, ajudar o aluno a se expressar melhor na fala e na escrita e com maior confiança em si; facilitar a criação do jornal da escola; contribuir para o exercício da cidadania e colaborar para o conhecimento multidisciplinar do aluno.

Filho (2006) defende que é papel da Universidade ensinar aos professores como usar a mídia de forma educativa e não vê-la apenas como vilã.

Carneiro (2007, p. 197) conclui que “o conhecimento sobre televisão pode ajudar o professor na promoção de uma aprendizagem mais significativa em sala de aula.” Entretanto:

[...] a vivência do telespectador não oferece condições suficientes para que se compreenda bem o funcionamento da TV e se a veja criticamente. [...] A capacidade para compreender e analisar a TV não se adquire apenas consumindo-a; é preciso estudar a linguagem, o discurso e a tecnologia que a permeiam. (CARNEIRO, 2007, p. 198)

E que deve partir do próprio professor o interesse em se informar para atender as exigências da prática docente na sociedade midiática. Carneiro (2007) cita Paulo Freire para corroborar com a ideia de sociedade da mídia:

[...] uma das coisas mais lastimáveis para o ser humano é não pertencer ao seu tempo. É se sentir um exilado no tempo. Com isso quero te dizer que sou um homem da televisão, sou um homem do rádio, também. Assisto a novelas, por exemplo, e aprendo muito criticando-as. (FREIRE & GUIMARÃES; 1984, p. 14 *apud* CARNEIRO, 2007, p. 199)

Para aquela autora, a formação de professores é importante para integrar a TV à escola sem que a televisão seja reduzida a um suporte físico ou contraposta à educação, por conta da dialética razão emoção. É importante a formação de professores na leitura crítica da mídia para que as informações fornecidas pela imprensa sejam interpretadas em diversas óticas, e dessa forma possam contribuir para construção do conhecimento.

Nessa formação, os professores devem estar aptos a enxergar além daquilo que a mídia transparece e reconhecer a responsabilidade social que a imprensa tem e as relações de poder que estão por trás da imagem que é transmitida. Há sempre

uma ideologia a ser perpassada. Como diz Caldas (2006), a linguagem utilizada pela mídia encerra múltiplas interpretações e a linguagem, seja ela da mídia ou não, é por natureza ideológica.

Então:

[...] não se trata, apenas, de ensinar os professores a 'lerem' os jornais, mas, sobretudo de possibilitar a eles, num primeiro momento, uma leitura do mundo para melhor compreenderem, ele próprios, o poder da mídia e o papel ocupado pelos diferentes veículos no espaço público. Só então poderão fazer a leitura crítica da mídia e, conseqüentemente, ensinar os alunos a pensarem refletirem sobre os conteúdos noticiosos e, então, desenvolverem formas autônomas de pensar o mundo. (CALDAS, 2006, p. 123)

Nesse processo de formação os professores devem estar aptos a: reconhecer que há armadilhas na linguagem que a tornam potencial, mas também a delimitam; compreender que há diferentes formas de dizer a mesma coisa, porém cada uma delas irá transmitir uma bagagem de significados diferentes; analisar a intenção que há por trás da escolha das palavras; identificar que existe um significado até mesmo no que deixou e ser dito; que não é por que foi dito que se afirmou alguma coisa; e o porquê de se editar tudo isso antes que vá ao ar. (CALDAS, 2006)

2.2 A influência positiva e negativa exercida pela mídia

Principalmente na televisão existem programas que visam ensinar algo, seja, culinária, artesanato, língua estrangeira, programas educativos para crianças, ou que discutem educação para pais e professores. Mas, além disso, existem também programas que não oferecem nada de bom e visam apenas entreter sem se preocupar nem ao menos com a saúde mental do telespectador. São programas que reproduzem cenas de sexo, violência, linguagem inapropriada, dentre outros comportamentos.

É por causa desse tipo de programação que não basta ensinar o que filtrar de positivo daquilo que assistimos, mas também o que devemos ou não assistir.

A autora Carneiro (2007), nos lembra de que essa contraposição pode ser superada como acontece com o programa Castelo Rá-Tim-Bum, que articula emoção e cognição desde a premissa dramática.

Huizinga (2000) fala sobre o *homo ludens*, ou seja, o homem é socialmente um ser lúdico, que precisa se divertir, se entreter, brincar e jogar. Talvez, daí seja possível entender por que precisamos tanto das mídias nos nossos momentos de lazer. E por que ela está inserida no ambiente escolar como um recurso lúdico. E como qualquer objeto lúdico não trás apenas diversão como auxilia nos processos mentais de aquisição do conhecimento.

Para a criança, por exemplo, a televisão é um jogo simbólico. Segundo Pougy [20--?], a criança (apenas a partir de uma determinada idade) tem consciência de que aquilo que ela está assistindo não é real, mas ajuda a elaborar mentalmente aquilo que é real. A entender através dos desenhos valores de justiça e esperança na linguagem do faz de conta. O problema é que absorvem normas e culturas sem discuti-las, aceitando-as como certas. Por que não está na cultura de seus pais ou de seus professores propiciar essa discussão.

Ainda, segundo a autora, as crianças da propaganda são lindas, brancas, mais espertas que os pais, saudáveis e possuem tudo que querem. Isso faz com que os pequenos sintam-se desvalorizados por não serem como acham que deveriam.

A televisão afeta a formação de crianças e jovens também na sua saúde física e emocional. Barrenechea (2012) aponta que o consumo de programas de mídia está relacionado a desordens alimentares e insônia. Primeiro por que influencia na percepção que os jovens têm de seu próprio corpo apresentando uma imagem do que seria o tamanho e peso ideal além de ocupar o tempo que a criança poderia estar realizando alguma atividade física. Segundo porque muitas vezes apresentam programação real ou fictícia que mexe com o imaginário, provocando medo e pesadelo, além de ocupar um tempo que deveria ser gasto realizando outra atividade, como, por exemplo, dormindo.

Barrenechea (2012) fez uso da teoria da psicogênese de Piaget como subsídio para explicar como as mensagens veiculadas pela mídia podem prejudicar a crianças. As crianças entre 2 e 7 anos encontram-se no estágio operatório motor,

tendem a acreditar naquilo que veem e se preocupam que as coisas que assistem na TV possam acontecer com sua família. As crianças entre 8 e 12 anos estão no estágio operacional concreto e se impressionam com o perigo real, se aterrorizam principalmente com histórias de abuso sexual e sobrenatural.

Mais uma vez se mostra quanto é importante educar para a mídia, para que os pais policiem melhor aquilo que seus filhos assistem – assim como se preocupam com que aprendem na escola. E para que as crianças também possam escolher programas de qualidade e saibam interpretar a programação que consomem para que não sejam negativamente influenciadas.

A mídia muitas vezes utiliza desses conhecimentos sobre desenvolvimento cognitivo infantil propositalmente de forma prejudicial, visando apenas seus lucros. Pois sabem que as crianças representam a maior parte de seus espectadores e também a parcela mais vulnerável. Então, sobrecarregam a programação de propagandas para o consumo infantil.

Mas o fato é que ela está diariamente presente em nossas vidas e podemos pensar que a televisão pode ser uma grande aliada dos pais e professores. Podemos aceitar que sua influencia na formação das crianças depende de como ela é utilizada. (POUGY, p. 3)

É função dos pais e professores ajudarem as crianças de como questionar sobre o que a TV oferece, para que elas façam suas escolhas. Para isso, não podem julgar a TV como algo puramente maléfico, há que se reconhecer o prazer de se assistir aos programas de entretenimento e permitir que a criança elabore seu próprio julgamento, forme seu espírito crítico e molde seu próprio gosto.

Segundo Barrenechea (2012), os profissionais da saúde e da educação estão desenvolvendo campanhas de conscientização para os pais desenvolverem com suas famílias hábitos saudáveis de consumo midiático e se protegerem dos efeitos nocivos desses produtos. Então ela cita algumas orientações que estão disponíveis no documento “Televisão e Família” disponibilizado pela Associação Americana de Pediatria (*apud* BARRENECHEA, 2012, p. 10) e são elas:

- Limite de 1 hora diária no consumo midiático;
- Não assistir TV enquanto faz tarefa da escola;
- Escolher o que vai assistir antes de ligar a televisão e desligar quando terminar;

- Formular questionamentos com o filho sobre aquilo que ele assiste;
- Explorar a programação ruim para enriquecer discussões com a criança;
- Explicar que a linguagem dos comerciais é sintética, excitante e enfática para nos fazer desejar algo que não precisamos;
- Ajudar a criança a encontrar alternativas à televisão como brincar, ler, praticar esportes, arte e interagir com amigos e família;
- E dar o exemplo, que costuma trazer mais efeito que a conversa.

Apesar de todo seu potencial prejudicial, a mídia pode ser usada a nosso favor. É possível virar o jogo em benefício da educação.

Já sabemos que os professores costumam utilizar a mídia como suporte aos conteúdos curriculares. Agora, o foco é incentivá-los a ensinar seus alunos a analisarem criticamente a mídia, já que na nossa sociedade ela representa, de certa forma, a ótica pela qual vemos o mundo.

É alarmante ver como a mídia se empenha em produzir algo maléfico ao invés de usar tal esforço de forma benéfica. Isso acontece por causa do capitalismo.

Barrenechea (2012) afirma que a indústria da moda estaria prestando um serviço de saúde pública ao divulgar os benefícios dos exercícios físicos prevenindo várias doenças, mas prefere usar de estudos psicológicos, antropológicos, sociais e tecnológicos para apenas vender.

“A questão não é como impedirmos a presença intermitente da mídia em nossas vidas, mas como podemos desenvolver um entendimento crítico sobre o significado e a intenção por detrás das imagens.” (BARRENECHEA, 2012, p. 9)

3. Metodologia

Esse capítulo visa esclarecer ao leitor a metodologia de pesquisa utilizada nesse trabalho. A palavra originária do latim *methodus* que significa maneira de ir e

do grego *metha*, que significa atrás, mais *hodus*, que quer dizer caminho junto do sufixo *logos*, de estudo. Quer dizer do estudo da organização. Indica a escola teórica que originou os procedimentos de pesquisa e orienta a busca pelas respostas das indagações.

Aqui se apresentam os fundamentos da pesquisa qualitativa, suas principais características e suas contribuições para a realização de pesquisas na área da Educação. E por fim a perspectiva teórica de como os dados foram analisados.

A indagação em questão era como a utilização de conteúdo midiático pode contribuir para a formação dos estudantes com uma visão crítica sobre a mídia. O objetivo era produzir novas informações a respeito desse tema do campo de pesquisa das ciências sociais e que, portanto possui uma metodologia própria.

Essa pesquisa foi realizada para observar como o uso do conteúdo midiático na escola pode interferir na formação dos estudantes. E verificar como os professores conduzem as atividades que desenvolvem utilizando esses conteúdos de forma a ajudar para que seus alunos reflitam e discutam sobre o conteúdo que consomem.

O que justifica a escolha do Centro de Ensino Fundamental 02 (CEF 02), da Região Administrativa de Brazlândia (RA-IV), Distrito Federal e dos professores que participaram da pesquisa é a familiaridade do pesquisador com o ambiente e os pesquisados, o que facilita a abordagem qualitativa.

Optou-se pelo questionário por se tratar de um instrumento de pesquisa menos dispendioso, que permite maior uniformidade para mensurar, pode ser aplicado a várias pessoas ao mesmo tempo e por que deixa o pesquisado mais a vontade para exprimir sua opinião.

Foi elaborado um roteiro claro, simples e direto para atender aos objetivos da pesquisa. A técnica da coleta de informações da pesquisa foi um questionário estruturado com 9 questões sendo 5 do tipo fechada, a fim de encorajar os participantes a responderem e 4 do tipo aberta com o intuito de permitir um espaço em que possam expressar suas opiniões. O mesmo foi destinado a 9 professores das séries iniciais. Em todo caso tomando cuidado para não formular perguntas pré-concebidas que pudessem implicar o ponto de vista do autor.

Foi desenvolvido um estudo de caso, por se tratar de uma entidade específica que é o CEF 02 de Brazlândia sem o objetivo de intervir, apenas revelar como o pesquisador percebeu sobre a utilização do uso do conteúdo midiático nessa escola. Partindo de uma perspectiva interpretativa, que procura perceber essa relação sob o ponto de vista dos participantes. Além do questionário foi feita uma análise do Projeto Político Pedagógico, e a observação do espaço.

Optou-se por uma abordagem qualitativa, tendo em vista que essa se preocupa com o pensamento crítico. E o objetivo era compreender o significado da fala dos participantes e não elucidar com seus resultados uma representatividade numérica. Portanto não se submete aos critérios de legitimidade da ciência positivista. Para Dilthey (*apud* GOLDENBERG, 2003, p. 6), os fatos sociais não são suscetíveis de quantificação.

3.1 A pesquisa qualitativa e suas contribuições para a Educação

De acordo com André (1995), a pesquisa qualitativa opõe-se a pesquisa quantitativa quando se trata do tipo de dados coletados, porém ao se tratar de modalidades de pesquisa o mesmo não acontece. Uma pesquisa pode utilizar dados quantitativos como idade e nível socioeconômico, mas a análise será qualitativa ao se usar o quadro de referências e valores pessoais. Esse aspecto sugere a superação, por assim dizer, da tradicional fragmentação existente entre as práticas de investigação quantitativa e qualitativa. Nas palavras da autora:

A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais, que por sua vez se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para estudo dos fenômenos humanos e sociais. [...] Ganharam popularidade por que buscavam retratar os pontos de vistas de todos os participantes, mesmo dos que não detinham poder nem privilégio, o que casava muito bem com as idéias democráticas que aparecem na década de 1960 (ANDRÉ, 1995, p.16, 21)

As pesquisas qualitativas são multimetodológicas, permitindo observação, entrevista, questionário e análise documental.

Dentre as contribuições da pesquisa qualitativa nas investigações sobre educação no Brasil, Gatti e André (2011), apontam quatro aspectos: I) a incorporação entre os pesquisadores em educação de posturas investigativas flexíveis, que permitam desvendar os aspectos ocultos pela pesquisa quantitativa; II) o entendimento de que, para compreender as questões do campo da educação, é preciso recorrer a enfoques multi/inter/transdisciplinares e a perspectivas multidimensionais; III) a compreensão de que o foco das pesquisas deve retratar o ponto de vista dos atores em educação, ou seja, dos envolvidos nos processos educacionais; e IV) a consciência de que a subjetividade intervém no processo de pesquisa e que é preciso tomar medidas para controlá-la.

É relevante considerar a presença da subjetividade do pesquisador que irá permear a pesquisa, mesmo que ele tente se tolher de todos os seus preconceitos. Pois a melhor forma para se evitar a interferência dessa subjetividade nas conclusões obtidas é reconhecendo que ela existe. Além é claro de se manter a ética do pesquisador, respeitando opiniões, crenças e atitudes. Mesmo que a evite, é o que sugere a objetivação, que é o esforço controlado de conter a subjetividade. (BOURDIEU *apud* GODENBERG, 2004, p. 12) ela estará lá. Desde a escolha do objeto, até nos diálogos que o pesquisador irá travar com os autores de sua pesquisa bibliográfica. É isso que dará o tom da pesquisa, pois as observações, análises e interpretações serão filtradas pelo ponto de vista político, social e filosófico do pesquisador.

Para Becker (*apud* GODENBERG, 2012), as técnicas de pesquisa qualitativa permitem maior controle do *bias* por que o pesquisador terá maior dificuldade de ignorar informações que contrariem a sua hipótese e as pessoas teriam dificuldade de manipular o tempo todo.

Como a finalidade do estudo era responder ao problema de pesquisa, refutar ou corroborar com a hipótese levantada e atender aos objetivos gerais e específicos foram feitas perguntas no questionário aplicado aos professores participantes da pesquisa para servir a cada um desses aspectos.

Após a elaboração das perguntas, as mesmas foram enviadas aos pesquisados por *e-mail*, *Facebook* e *Whatsapp*. Explicitando do que se tratava a pesquisa e quão estimada era a colaboração de cada um.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Utilizou-se o questionário como forma de comparar a opinião dos participantes, permitindo ainda interpretar por meio das questões abertas as concepções de cada um.

O ambiente é bem conhecido pela pesquisadora, o que permite relacionar o que foi observado no campo físico da escola ao documento obtido e a resposta do questionário.

O documento que alicerça a análise é o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino, que foi reelaborado no início do ano letivo e foi utilizado com o intuito de contextualizar o fenômeno estudado e de complementar as informações obtidas no questionário e nas observações realizadas.

3.3 Procedimentos para a análise dos dados

De acordo com Mattos (2006) o que garante a fidedignidade dos dados apresentados é a triangulação dos dados, o tempo no campo, a descrição densa e a análise indutiva. "A triangulação de dados, basicamente, consiste em verificar a reincidência (tipicalidade e atipicalidade) das informações, através de pelo menos três fontes diferentes antes de transformá-la em relato, vinheta ou histórico". Conforme orientação da autora é preferível que o tempo no campo seja longo, para permitir o estudo em profundidade, mas caso não seja possível, o pesquisador deve buscar a maior diversidade de fontes de informação, captando assim diferentes pontos de vista.

Para a realização da análise das informações obtidas pelos instrumentos de coleta de dados utilizados, inicialmente, foram organizados os materiais a partir da realização da comparação em uma tabela das respostas do questionário, da descrição do documento coletado na escola e da evidência dos aspectos relevantes registrados durante as observações realizadas.

A interpretação das informações obtidas foi realizada com base no método da Análise do Conteúdo (AC). Essa técnica permite a produção de inferências sobre o texto, possibilitando ao pesquisador a relação com o contexto social pesquisado. Nas palavras de Bauer (2008, p. 192): “A AC nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões [...] e compará-los entre comunidade”.

3.4 Critérios para escolha do corpus da pesquisa e descrição da pesquisa de campo.

A pesquisadora trabalha na escola em questão. O que favorece o acesso a documento e aos participantes do questionário, além de poder observar o local.

Realizou-se a pesquisa documental com a recolha de documento e posterior verificação. A intenção era analisar em que aspecto o Projeto Político Pedagógico da escola corrobora, ou não, com os dados observados e colhidos com o questionário e, de que forma, esse documento contempla a utilização de recursos midiáticos no currículo escolar.

O CEF 02 de Brazlândia localizado na Área Especial nº 05 quadra 12 Setor Norte foi inaugurado dia 25/11/1976, como Escola Classe, tornando-se Centro de Ensino Fundamental somente em 2001. Funciona nos turnos matutino e vespertino com Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e no noturno com 1º, 2º e 3º etapas da Educação de Jovens e Adultos.

A escola tem supervisores pedagógicos e administrativos, pedagoga, psicóloga, e coordenadores, mas não tem orientador educacional.

Atende famílias de diferentes classes sociais e da zona urbana e rural. Atualmente tem 1821 alunos matriculados. Alguns com problemas de indisciplina e pouca participação familiar. Tem alunos com necessidades educacionais especiais e também aqueles que cumprem medida socioeducativa.

O quadro de funcionários é composto por 116 colaboradores, sendo 83 professores, 60% possui pós-graduação (Especialização).

Apesar da boa aparência, a escola precisa de reformas, inclusive algumas delas já estão sendo executadas. Para um refeitório adequado, depósito, sala para atendimento educacional, reforço escolar e oficinas do Projeto Escola Integral.

A infraestrutura é composta por dezessete salas de aula, cantina, banheiros, biblioteca, depósito, laboratório de informática, de ciências, quadra de esportes coberta, mecanografia, sala de professores, sala dos servidores, secretaria, sala de múltiplas funções e duas salas de recursos. Todas as salas de aula possuem televisores de tela plana. No laboratório de informática há vinte e três computadores, apenas dezesseis funcionam sem nenhum problema. Há disponíveis vários aparelhos de DVD, cabos HDMI, além de *datashow* e aparelhos de som, esses recursos tecnológicos funcionam como suporte didático para os professores.

Observa-se que a escola possui ótima infraestrutura. O que favorece para o planejamento e execução das aulas. O clima organizacional é bom. Há cordialidade entre os funcionários. Notando-se divergências apenas quando se trata de decisões entre o grupo de professores dos anos iniciais e anos finais.

Possui projetos nas áreas de alfabetização, leitura, família, comunidades, educação ambiental, diversidade e matemática.

As atividades mais lúdicas ficam por conta do Projeto Educação Integral, onde os alunos têm atividades esportivas, reforço escolar, aulas de xadrez e de informática.

A escola realiza outras atividades de lazer como o dia das crianças, a gincana e a festa junina.

Um dos projetos de destaque é a hora cívica com apresentações culturais comandadas sempre por um professor diferente.

4. Análise dos dados

O objetivo deste capítulo, que constitui a essência da pesquisa é analisar e discutir os dados construídos com base nas respostas dadas ao questionário, observações e documentos.

Quanto ao questionário, os oito participantes responderam que utilizam algum conteúdo midiático para ministrar suas aulas. Isso mostra que os professores estão atualizados quanto à utilização desses recursos. A utilização desses conteúdos

também pode ser favorecida pela disposição de recursos tecnológicos na escola como os televisores na sala e o laboratório de informática. Além do que a coleção de livros didáticos utilizados durante esse ano letivo também apresentam recortes de notícias de jornais e revistas. Era de se esperar a utilização desses recursos pelo professores, tendo em vista o que dizem as autoras Bevórt e Belloni (2009), a mídia-educação é onipresente, então não deveria ser diferente no ambiente escolar.

Todos os participantes consideram importante o uso de conteúdo midiático em sala de aula. Isso mostra que eles reconhecem o quanto o uso desses conteúdos podem favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Que se trata de um importante recurso para atrair a atenção dos alunos, promoverem uma aprendizagem significativa, já que pode considerar os conhecimentos prévios dos alunos e proporcionar-lhes conhecimento sobre o que acontece no mundo. As autoras Bevórt e Belloni (2009) consideram a mídia-educação importante em todo contexto social, especialmente na vida dos jovens.

Todos os participantes usam o conteúdo midiático em sala de aula para dar suporte ao conteúdo didático. Cinco professores utilizam para aprofundar discussão de temas transversais. E apenas um professor utiliza também como entretenimento e para trabalhar a criticidade dos alunos. Os dados apontam que se usam mais a mídia para educação, da forma mais tradicional tanto nos conteúdos das disciplinas, como nos transversais. O uso como forma de entretenimento talvez seja menos comum na escola porque é com esse objetivo que os estudantes já o fazem em casa. Já o fato de apenas um professor utilizá-lo para trabalhar a criticidade dos alunos é um pouco preocupante, pois demonstra que estão consumindo conteúdo carregado de ideologia sem questioná-las e às vezes até incorporando-as ao seu papel social. Ora, “mídia-educação significa pensamento crítico e deve levar a construção de competências de análise crítica” (BEVÓRT & BELLONI, 2009, p. 1093)

Quando os professores foram questionados sobre de que forma que o conteúdo midiático em sala de aula pode favorecer a aprendizagem, o ponto levantado de maneira unânime foi a capacidade de despertar o interesse dos alunos por utilizar, principalmente, o visual. Então prende a atenção, atrai, motiva, diverte. Está presente no dia a dia dos estudantes, é dinâmico, serve de suporte ao conteúdo. Amplia discussões, favorece a comunicação, o olhar crítico e a reflexão.

Além de facilitar a interdisciplinaridade de conhecimentos históricos, geográficos, científicos e linguísticos. Cada professor destacou alguns aspectos, provavelmente os que mais se relacionam com a sua prática. O que enriqueceu a pesquisa e corroborou com o que foi apresentado no referencial teórico. Como, por exemplo, com a definição dada por Bevórt e Belloni (2009), para mídia-educação como sendo “a formação para a compreensão crítica das mídias, mas também se reconhece o poder potencial da mídias a promoção da expressão criativa e da participação dos cidadãos...” (BEVÓRT & BELLONI, 2009, p. 1087)

Quando foram questionados sobre como atividades que ensinam os alunos a produzir conteúdo midiático pode contribuir na formação do sujeito, cada professor expressou-se de forma bem diferente e profunda. Os aspectos citados foram: desperta a criatividade, a capacidade de raciocínio, o interesse pela leitura e escrita. Ensina os alunos a trabalharem em grupo, pensar, interpretar e interferir nos aspectos sociais e educacionais de sua comunidade formando cidadãos mais conectados. Desenvolve a oralidade e o pensamento crítico sobre as transformações sociais. O aluno deixa de ser expectador e passa a ser sujeito pesquisador, participando ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Favorece a socialização e o trato com as pessoas. Explora a sensibilidade e emoção dos estudantes. Gera perspectiva de futuro. Mais uma vez em consonância com o que foi apresentado sobre o potencial favorecedor que a Educação para a Mídia é na formação do sujeito enquanto agente social. O objetivo essencial da mídia-educação:

“é desenvolver sistematicamente o espírito crítico e a criatividade, principalmente das crianças e jovens; por meio da análise e da produção de obras midiáticas. Visa gerar utilizadores mais ativos e mais críticos que poderiam contribuir para uma criação de uma maior variedade midiática” (BEVÓRT & BELLONI, 2009, p. 1990)

Em relação à interpretação e opinião crítica dos seus alunos sobre o que a mídia oferece apenas um professor considerou que os alunos não estão capacitados nem para interpretar e nem para criticar. Três professores consideraram que seus alunos estejam capacitados para os dois. E quatro professores consideraram que os seus alunos estão capacitados apenas para interpretar o que consomem da mídia. Esse sem dúvida foi o resultado mais surpreendente, por que se os professores não costumam utilizar a mídia na escola para trabalhar a criticidade dos alunos, mas mesmo assim considera que eles o sabem fazer significa que eles estejam

aprendendo isso fora da escola. E preocupa pensar de que forma está sendo esse aprendizado, pois segundo Pougy [20--?] é função dos professores ajudarem as crianças a questionar sobre o que a TV oferece para fazer suas escolhas. Mas principalmente por que refuta a hipótese inicial de que os alunos apenas consomem a mídia sem interpretá-la e criticá-la. É importante que os alunos aprendam que nem tudo que veem na mídia é real, e que a maneira como diz algo ou deixa de dizer também perpassam informações, que devem ser analisadas e filtradas antes de serem digeridas. Bevórt e Belloni (2009, p. 1081), dizem que “é necessário oferecer a todos os cidadãos, principalmente aos jovens, as competências para saber compreender a informação e ter o distanciamento necessário a análise crítica, utilizar e produzir todo tipo de mensagem”.

Os professores citaram atividades que realizam em sala de aula com uso de conteúdo midiático para desenvolver o senso críticos tão interessantes que cabe descrevê-las na íntegra.

“Júri, onde se pega um tema e um grupo de alunos será a favor e outro contra, e terão que convencer os jurados. Esse tipo de trabalho desperta a criticidade, a oralidade e o conhecimento sobre o assunto. Geralmente, temas que estão em destaque em jornais, revistas ou outros. E dissertação sobre temas.”

“Pesquisas relacionadas aos conteúdos trabalhados, como reportagens, levantamentos do IBGE, versões diferentes de um mesmo tema, versões diferentes de histórias e filmes, etc. Levando-os a formarem suas opiniões sobre o tema proposto.”

“Utilização de filmes, pesquisas na internet, leitura e análise de músicas, fotografias, etc.”

“Pesquisa, recorte, entrevista com personalidade a respeito de alguns assuntos relevantes.”

“Laboratório de informática e livros digitalizados.”

“Gosto muito de usar curtas na tela, são pequenos, porém ensinam muito. Prende bastante a atenção dos alunos. Gosto de filmes que eu possa fazer questionamentos e levá-los a pensar além da caixinha.”

“Jornal, revista e uso da internet.”

O uso da televisão citado por alguns professores corrobora com o que diz Pougy [20--?], que a televisão pode ser uma grande aliada dos professores. O foco principal deve ser o que os alunos assistem fora da escola.

Todos os professores consideram importante o acesso aos cursos de formação continuada para uso de mídia na escola. Pode-se supor que pelo fato de reconhecerem a importância dos recursos midiáticos na educação. Por compreenderem a complexidade da mídia e talvez por sentirem falta dessa formação na graduação e o quanto ela acrescenta na prática pedagógica. A formação continuada dos professores para mídia-educação é uma recomendação da UNESCO, datada de 1982. (BEVÓRT & BELLONI, 2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linhas a seguir expressam os resultados alcançados acerca da pesquisa realizada, que teve como propósito verificar como a utilização do conteúdo midiático pode contribuir para a formação crítica dos estudantes.

A pesquisa utilizou os instrumentos de coleta de dados propostos pela etnografia, seguindo seus pressupostos de permanência junto à comunidade pesquisada e interpretação subjetiva dos fenômenos. Destaca-se que esta perspectiva foi muito importante para realização desse trabalho, pois a imersão no campo de pesquisa permitiu que fosse dado um olhar sensível e crítico a partir da relação entre a bibliografia pesquisada e o meio observado. Permitiu também a evidência de semelhanças e contrastes entre as respostas dadas ao questionário, o conteúdo do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e o observado. A análise desse documento foi contributiva, pois permitiu garantir a fidedignidade da pesquisa.

A resposta dos professores ao questionário e a pesquisa bibliográfica atendeu bem ao problema proposto. Antes de tudo, o professor deve estar capacitado para utilizar os conteúdos midiáticos e interpretá-los. Para, posteriormente, utilizá-lo com seus alunos nos mais variados processos de ensino e aprendizagem. O professor deve ensiná-los a ler as entrelinhas, interpretar, inferir, criticar e reformular o que assistem, leem e escutam. Nesse processo, o aluno também deve aprender a produzir e não apenas consumir. Só assim será um consumidor competente para atuar criticamente na sociedade. Os participantes da pesquisa ofereceram as mais diversas sugestões de atividades utilizando o conteúdo midiático para capacitar o senso crítico dos alunos. Como júri e texto dissertativo para discutir temas; pesquisa de reportagens; análise de versões diferentes de uma mesma história seja em livros ou filmes e de letras de músicas e fotografias; recorte de entrevistas e uso da internet disponível na escola.

O objetivo geral desse trabalho era pesquisar de que forma a utilização de conteúdo midiático pode contribuir para a formação de estudantes, com uma visão crítica sobre a mídia. Consoante os participantes, o uso da mídia desperta a criatividade, o raciocínio, o interesse. Ajuda-os a interpretar, pensar, atuar,

desenvolver a oralidade, a expressividade, a sensibilidade tornando-o sujeito do seu processo de aprendizagem e assim capacitando-o criticamente.

Verificou-se que há a utilização de conteúdos midiáticos, como ferramenta didática, no Centro de Ensino Fundamental 02 (CEF 02) da Região Administrativa de Brazlândia (RA-IV), Distrito Federal, e que os professores consideram a utilização desse recurso importante na sua prática pedagógica.

Os participantes utilizam o conteúdo midiático para dar suporte ao conteúdo didático, discutir temas transversais, trabalhara criticidade dos alunos e como forma de entretenimento.

Foi possível propor formas de utilização didática de conteúdos midiáticos para a construção de uma visão crítica dos estudantes sobre a mídia, tanto pela contribuição dos autores citados no referencial teórico quanto com a colaboração dos professores participantes.

A única dificuldade encontrada durante o processo de construção da monografia foi a falta de tempo disponível. Possivelmente, seria mais interessante um grupo focal como método para coleta de dados e observação da prática do professor em sala de aula. Mas foi preciso adaptar para aquilo que a pesquisadora pode observar na escola como um todo e disponibilizar um questionário online, onde cada professor poderia contribuir no tempo que tivesse disponível.

Quanto ao método de coleta de dados que foi definido não houve limitações. Os professores contribuíram com muito boa vontade para o desenvolvimento do trabalho. Apenas uma deixou de responder, mas não se sabe o motivo.

Quanto à colaboração desse trabalho para a práxis pedagógica, conclui-se que a coordenação pedagógica é um momento que pode ser voltado para formação continuada do professor, propagação e discussão de ideias. Como a formação continuada do professor para a utilização de conteúdo midiático na sala de aula é um pouco defasada, esse espaço poderia ser utilizado para favorecer essa formação. Além disso, foi possível observar, através do questionário, que cada professor utiliza esses conteúdos de forma diferente. Portanto, seria muito bom se compartilhassem suas práticas uns com os outros como sugestão para enriquecer o fazer pedagógico, visando à aprendizagem do aluno. Discutindo sobre o que tem causado um efeito mais positivo; como a atenção deles tem sido conquistada; o que

estão sentindo falta como pré-requisito entre uma série e outra e quais ferramentas midiáticas são mais adequadas para uma idade e outra.

Uma proposta de continuação da pesquisa seria verificar junto aos alunos como eles selecionam, interpretam, criticam e aplicam, na sua prática social, o que aprendem com a mídia na escola e fora dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ANDRÉ, M, GATTI, B. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação*. 2. Ed., Petrópolis, Rj: Vozes, 2011. p. 29-38.

BARRENECHEA, C. *Mídia e Educação: reflexões para uma abordagem integrada no currículo escolar*. 2012 Disponível em: <http://cursos.mec.gov.br/coordenacao/unb/mod/folder/view.php?id=828> Acesso em: setembro de 2015.

BAUER, M. Análise do conteúdo clássica: uma revisão. In: In: BAUER, Martin W., GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.189-217.

BÉVORT, E. BELLONI, M. *Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas*. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf> Acesso em: janeiro de 2016.

CALDAS, G. *Mídia , escola e leitura crítica do mundo*. Edu. Soc. Campinas. V. 27, nº 94, p. 117-130, jan/abril 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: agosto de 2015.

CARNEIRO, V. *A TV como objeto de estudo na formação e pratica de educadores: prazer e crítica*. Cadernos de Educação. FaE/UFPel. Pelotas, p. 197-2012, janeiro/junho 2007.

DURKHEIM, È. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

FANTIN, M. *Mídia-Educação e Cinema na Escola*. Teias. Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007.

FILHO, L. *Educação e Mídia*. 2006 Disponível em: http://www.ufpe.br/proexc/images/publicacoes/cadernos_de_extensao/Educacao/midia.htm. Acesso em janeiro de 2016

GODENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, P. *Mídia, imaginário de consumo e educação*. Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, abril de 2001.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Tradução de João Paulo Monteiro. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000

JOHN, V., SELIGMAN, L. *Diálogos de Mídia & Educação*. Televisão Caítulo 5. Março de 2008. Disponível em: <http://www.univali.br/monitor> Acesso em: agosto de 2015.

JÚNIOR, W. *Míia social conectada produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital*. Líbero. São Paulo, v. 12, n. 24, p. 95-106, dez. de 2009. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/M%C3%ADdia-social-conectada.pdf> Acesso em: janeiro de 2016.

MATTOS, C. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. *Educação em foco: Revista de Educação*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação / Centro Pedagógico. V. 11, nº 1, mar/ago 2006.

POUGY, E. *A criança e a televisão – uma luz no fim do túnel*. Disponível em: <http://cursos.mec.gov.br/coordenacao/unb/mod/folder/view.php?id=828> Acesso em: setembro de 2015

SOARES, E., PEREIRA, A., SUZUKI, J., EMMENDOEFER, M. *Análise de Dados Qualitativos: Intersecções e Diferenças em Pesquisas sobre Administração Pública*. III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. João Pessoa, PB. 20 a 22 de novembro de 2011.

RICHARDSON, R., WAINWRIGHT, D., *A pesquisa qualitativa crítica e válida*. In: RICHARDSON, R (org.). *Pesquisa Social*. Ed., Atlas, SP: Vozes, 3º Ed. 1999.

TEZANI, T. *As interfaces da pesquisa etnográfica na educação*. Linhas. Universidade do Estado de Santa Catarina. V. 5, nº 1, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1237/1050> Acesso em: 06 de maio de 2012.

APÊNDICE

Questionário

Este questionário é um instrumento de pesquisa qualitativo cujos resultados serão analisados para dar suporte às conclusões do Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização em Coordenação Pedagógica oferecido pela Universidade de Brasília.

O trabalho em questão, que está sendo realizado pela cursista - professora Gleice Kelly - foi desenvolvido na área de Práticas e Espaço de Comunicação na escola e tem como orientadora a professora Dra. Cristina Azra e como tutora a doutoranda Mariana Marlièri. O objetivo é pesquisar como a utilização dos conteúdos midiáticos podem contribuir para a formação de estudantes com uma visão crítica sobre a mídia e analisar de que forma vem sendo feita a utilização desses conteúdos no Centro de Ensino Fundamental 02 de Brazlândia – DF.

Sendo assim, conto com sua colaboração para responder as perguntas abaixo. Agradeço o precioso tempo destinado a essa tarefa. Desde já, agradeço pela atenção.

1. Você utiliza algum conteúdo midiático para ministrar suas aulas?
☐ sim
☐ não
2. Você considera o uso de conteúdo midiático, em sala de aula, importante?
☐ sim
☐ não
3. Se você utiliza conteúdo midiático em sala de aula, costuma fazê-lo para:
(Marque mais de uma alternativa se assim for o caso)
a - ☐ dar suporte ao conteúdo didático.
b - ☐ aprofundar discussão de temas transversais.
c - ☐ entretenimento
d - ☐ outros. Especifique:
4. Na sua opinião, de que forma o uso de conteúdo midiático, em sala de aula, pode contribuir para a aprendizagem?

5. Como você acha que um laboratório de cinema na escola, um jornal escolar, dentre outras atividades que ensinam os alunos a produzirem conteúdo midiático pode contribuir na formação desses sujeitos?
6. Como você diferencia os termos Mídia para Educação e Educação para a Mídia?
7. Em relação à interpretação e opinião crítica dos seus alunos sobre o que a mídia oferece. Você os consideram capacitados para:
 - a- () apenas interpretar
 - b - () interpretar e criticar
 - c - () nenhum dos dois
 - d - () outros. Especifique:
8. Você realiza, em sala de aula, atividades com uso de conteúdo midiático para capacitar o senso crítico dos alunos? Que atividades seriam essas?
9. Considera importante que professores tenham acesso aos cursos de formação continuada para uso de mídia na escola?
 - a- () sim
 - b - () não